

“No tenemos constancia de que Arias haya sido alumno suyo (de Biblia o de Hebreo), ni tampoco de que haya tenido relación de amistad con él” (pág. 90).

No aspeto gráfico, o livro está bem cuidado e revisto, mas, apesar disso, sempre aparecem algumas gralhas aqui e ali, como a numeração dos versos nas páginas 13 e 14, onde aparecem seis versos entre o número 625 e o 630, ou a expressão “una vez se que hayan realizado” da página 181.

Entre as mais-valias do estudo é preciso contar com a rigorosa e bem selecionada bibliografia, os apêndices (especialmente o que inclui alguns mestres e as suas obras) e o índice onomástico, ferramenta essencial para consultar este tipo de obras.

Podemos concluir afirmando que Juan Francisco Domínguez, bom conhecedor da obra de Arias Montano — já que, além de escrever um bom número de estudos sobre este humanista, é editor da sua correspondência —, nos oferece aqui um estudo sério, aprofundado e rigoroso que será de grande ajuda para todos os estudiosos que tencionem compreender o caráter e a formação do humanista de Fregenal.

Cristina Pimentel e Paula Morão (Coord.), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*. Lisboa, Campo da Comunicação, 2012, 392 pp., ISBN: 978-989-8465-17-7

JOANA CATARINA MESTRE DA COSTA (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro*)²

Este notável volume reúne, sob a coordenação científica de Cristina Pimentel e Paula Morão, as comunicações que haviam dado forma ao colóquio homónimo, realizado, em dezembro de 2011, na Faculdade de Letras de Lisboa. Aos estudos dos académicos, significativos, quanto ao número, mas sobretudo no atinente à relevância dos temas, somam-se, na publicação, como sucedera, aliás, por ocasião do encontro científico, contribuições heteróclitas e tão enriquecedoras como só as dos testemunhos autorais.

² joanacmcosta@gmail.com.

Conquanto os vultos científicos e literários e as respetivas (re)visões, que elenca o índice, constituam incitamento bastante para a perscrutação desta obra, dirigem Cristina Pimentel e Paula Morão ao leitor umas inspiradoras “Palavras prévias”, que, de permeio a fundamentais dilucidações e a merecidas gratulações, rememoram a tão olvidada influência dos clássicos, enquanto fundadores e fundeadores literários.

São vinte e sete os estudos de que se compõe o volume, resultantes todos de um labor analítico que se propôs visitar a literatura portuguesa, dos primórdios à hodiernidade, à luz da ascendência do *corpus* greco-latino, e que cumpre, portanto, o que, logo na capa, indicara o título e indicara a ilustração de que aquele se faz acompanhar. Sendo cronológica a ordem que sobreintende à organização da publicação, a sucessão dos artigos permite um vislumbre sobre a o percurso da história da literatura portuguesa e, *pari passu*, sobre os intertextos gregos e latinos de produções medievais, renascentistas, neoclássicas, românticas, realistas, modernistas e contemporâneas. Numerosas são, evidentemente, as figuras do panorama literário português que abrilhantam a galeria dos legatários dos clássicos que esta obra constitui — dos nomes incontornáveis de Camões, Bocage, Ricardo Reis ou Sophia aos de autores ainda insuficientemente fitados, máxime, por se projetarem na novíssima centúria, como José Miguel Silva, Gonçalo M. Tavares ou José Mário Silva.

A ousadia de alargar o escopo da abordagem dos especialistas à literatura do século XXI representa um valiosíssimo contributo para a validação da perenidade da inspiração greco-latina, e apenas uma outra, que intentaria também esta publicação, a ombrear (ou ultrapassaria, mesmo), em arrojo e interesse: o dar a palavra aos que criam sob o signo dos clássicos.

Hélia Correia, Mário de Carvalho, Vasco Graça Moura e Manuel Alegre foram os autores convidados a dar o seu testemunho. Assumindo a forma de ensaios ou poemas, em qualquer dos casos, vibrantes e apaixonadas confissões de um umbilical vínculo a essa Grécia e a essa Roma matriciais são estas contribuições que encerram a obra.

Poderia enriquecer esta tão completa proposta a inclusão de índices complementares, mormente, de autores convocados e obras citadas, bem

como de resumos e palavras-chave, em português, mas também em inglês, na medida em que o uso exclusivo do vernáculo (substituído uma única vez, no estudo de Paolo Fedeli, pelo italiano) acaba por ser uma limitação no acesso universal aos textos.

Perlustrado o volume, é forçoso consentir com as coordenadoras da publicação, ao asseverarem que “a revisão da literatura portuguesa contemporânea à luz dos clássicos se afirma como um campo fértil de investigação, que deve ser prosseguido em futuros eventos”, e, naturalmente, envidar esforços para dar cumprimento a este desígnio.

Lieve Van Hoof, *Plutarch's practical ethics: the social dynamics of philosophy*, Oxford/ New York, Oxford University Press, 2010, 238 pp., ISBN 978-0-19-958326-3

EDUARDO MACHADO (*Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa — Portugal*)³

Neste precioso estudo, Van Hoof desenvolve o conceito de «dinâmica social da filosofia», concentrando-se sobre a função que alguns textos do *corpus* plutarquiano desempenhavam na autoformação da elite política e intelectual da época imperial. A obra está dividida em duas partes distintas. Na primeira parte, a autora identifica de um modo geral a seleção dos temas abordados, assim como o público a que Plutarco se dirige (cap. I). Desvela, em seguida, as estruturas discursivas e as técnicas retóricas utilizadas (*krisis, askesis, epilogismos, ethismos*) (cap. II) e reflete finalmente sobre o tipo de imagem que o filósofo de Queroneia voluntariamente transmite nos seus textos (cap. III). A segunda parte consiste numa análise profunda e detalhada de cinco textos fundamentais deste carácter mais prático e psicoterapêutico da filosofia plutarquiana sob a perspectiva explicada na primeira parte (*Sobre a tranquilidade da alma, Sobre o exílio, Sobre a loquacidade, Sobre a curiosidade, e Preceitos sobre a defesa da saúde*).

A introdução constitui uma boa base para a compreensão da evolução do estado da arte sobre os *Moralia*, na qual se verifica um claro abandono da tradição da *Quellenforschung* e a defesa da figura de Plutarco como um filó-

³ macheduardo@gmail.com.